



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IX



JANEIRO DE 1968



N.º 1

INDÚSTRIA TÊXTIL

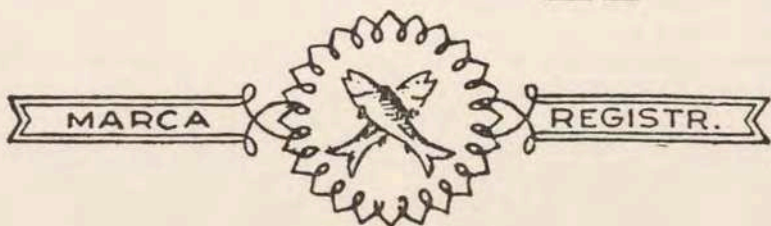
Companhia Hering

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

— Brasil —

RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL, N.º. 2

TELEGR.: «TRICOT»



FÁBRICA DE:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria

Blumenau

em Cadernos

TOMO IX



JANEIRO DE 1968



N.º 1

MAIS UMA ETAPA

Com este número, «Blumenau em Cadernos» começa o seu nono Tomo. Nove anos de lutas árduas. Nove anos de trabalhos penosos, de constantes preocupações. Por mais de uma vez, vimos a ameaça de paralização do nosso trabalho. Tais e tantas têm sido, nesse lapso de tempo, as oscilações nos preços do material e da mão-de-obra que, por pouco, não tivemos que seguir o destino de muitas publicações brasileiras, de real utilidade, que não suportaram os constantes aumentos de preço.

Felizmente, este periódico é de Blumenau. E a nossa Comuna jamais deixou de amparar as iniciativas que visem ao seu interesse, ao interesse do bem estar e da cultura do seu povo.

O governo do Município, o comércio, as indústrias, os clubes de serviço e o povo desta cidade não têm regateado apoio moral e amparo material à obra que vimos realizando. Uma obra de que nos podemos orgulhar. Um trabalho que tem sido profícuo e que tem trazido apreciáveis frutos ao bom nome da coletividade blumenauense.

Contando com esses favores, certamente, poderemos olhar o futuro de «Blumenau em Cadernos» com otimismo. De nossa parte, não pouparemos esforços, nem sacrifícios, para continuarmos, com entusiasmo, a trajetória, que já poderemos chamar brilhante e meritória, desta publicação.

E, com este primeiro número do IX Tomo, queremos expressar a quantos nos têm ajudado, assinantes, anunciantes e verdadeiros amigos, os nossos melhores agradecimentos. Ao Governo Municipal, ao seu Prefeito, e à sua Câmara de Vereadores, às suas classes produtoras, aos Lions e aos Rotary Clubes locais queremos, também, expressar, de um modo particular, o nosso reconhecimento pelo muito de ajuda que nos têm dado, prestigiando-nos sempre, com a sua solidariedade, nos momentos difíceis que temos atravessado na nossa já longa caminhada.

Queremos, igualmente, agradecer os gestos de alguns dos nossos leitores, como o sr. José Sanches, sub-diretor do Banco Inco, filial de São Paulo, o sr. Felix Hauer, de Curitiba, a Sra. Gertrudes Gross-Hering, notável escritora blumenauense que, espontaneamente, nos trouxeram substancial ajuda em dinheiro para que não deixássemos morrer «Blumenau em Cadernos». Enquanto contarmos com amigos assim, esta obra não morrerá.

A Redação

Uma opinião de Fritz Müller sôbre os sambaquis

Em carta que dirigiu ao seu amigo, o sábio inglês Charles Darwin, Fritz Müller escrevia, em dezembro de 1875, daqui de Blumenau, o seguinte sôbre os sambaquis de Santa Catarina:

“Em Destêrro (hoje Florianópolis), eu encontrei dois jovens senhores (M. Charles Wiener, de Paris, e M. Carl Schreiner do Museu Nacional, do Rio) os quais, comissionados pelo Governo brasileiro estão examinando os sambaquis da nossa Província. Eu os acompanhei em algumas das suas excursões. Êsses «sambaquis», ou «casqueiros» são montões de conchas acumuladas pelos antigos habitantes das nossas costas: êles existem em grande número e muitos dêles se encontram a uma distância de diversas milhas da costa do mar, apesar de originalmente terem sido feitos, com certeza, próximo ao local em que as conchas viviam.

Alguns são de tamanho considerável; foi-nos dito que um sambaqui, numa pequena ilha perto de São Francisco, tem uma altura de cêrca de 100 metros; mas o maior que já me foi dado observar não ia além de 10 ou 12 metros. Quanto às conchas de que são formados, os Sambaquis podem ser divididos em três classes: 1) Sambaquis que consistem de diferentes espécies de conchas bivalves e univalves (*Venus*, *Cardium*, *Arca*, *Ostrea*, *Purpura*, *Tritonium*, *Trochus* etc.) tôdas as quais ainda existem nos mares vizinhos; 2) Sambaquis que consistem, quase que exclusivamente, de uma pequena concha bivalve, os «birbigões», como as denominam os brasileiros (*Venus flexuosa*), muitíssimo comum nas baías rasas, ou lagoas salgadas, o fundo das quais se compõem de areia e lama; 3) Sambaquis que consistem, exclusivamente, de uma espécie de *Corbula* que eu ainda não vi em estado vivo; também todos os brasileiros, a quem eu interroguei e que conhecem, perfeitamente, todos os animais comestíveis da sua fauna marinha, são unânimes em afirmar que essas conchas já não vivem na nossas costas. De um desses sambaquis de *Corbula* eu tirei um espécime de um pequeno *Melampus*, que eu encontrara vivo próximo à foz de alguns riachos, onde a água doce se mistura com a salgada. Quando as terras planas do baixo Itajaí e de alguns dos seus tributários, se encontravam ainda ao nível do mar, elas formavam um vasto estuário e, aí, provavelmente, viviam as *Corbula*. Os fragmentos de crânios humanos que foram encontrados em um desses Sambaquis-de-*Corbula* eram de grossura verdadeiramente fantástica, enquanto que os achados em outros Sambaquis, dificilmente excediam à do nosso próprio crânio. Entre os objetos que se encontram nos sambaquis, os mais frequentes são os machados de pedra. Como, porém, o sr. M. Wiener publicará, muito logo, uma notícia completa das suas pesquisas, não quero demorar-me no assunto.” Em continuação a esta carta, Fritz Müller comunica a Darwin interessantes observações que fez a propósito das tormigas que habitam a parte ôca das imbaúbas. O assunto é interessante e dêle daremos notícia num dos próximos números desta publicação.

Blumenau coopera com a ciência

J. FERREIRA DA SILVA

Publicando o seu livro «O Naturalista no Amazonas», em 1863, o botânico Bates perguntava: "que será que fazem as formigas carregadeiras com tão grande quantidade de fôlhas que transportam para os seus ninhos?".

Thomas Belt, outro grande botânico, em seu trabalho «O Naturalista em Nicaragua», publicado em 1874, respondeu àquela pergunta com uma dúvida: "eu acredito que elas, as formigas, sejam, realmente, cultivadores de cogumelos com os quais se alimentam". Êle supunha que as formigas usassem as fôlhas que levavam para os formigueiros como adubo para criarem cogumelos. Nem um nem outro desses sábios, entretanto, chegou a provar, com a constataçãc de evidências, com acuradas observações, tais suposições.

A resposta a essas e outras perguntas, como: encontram-se, realmente, em todos os formigueiros, cogumelos? Êstes são todos da mesma espécie e qual é ela? Que aconteceu com as fôlhas depois que as formigas as amontoam nos seus ninhos? As formigas nunca comem as fôlhas que carregam? Pode-se provar que elas se alimentam exclusivamente de cogumelos? foi dada por um cientista, aqui em Blumenau, em consequência de observações feitas em nosso município.

Realmente, em 1891, um sobrinho do Dr. Fritz Müller, Alfredo Möller, foi comissionado pela Real Academia de Ciências de Berlin para proceder a observações micetológicas (ou micológicas) na América do Sul.

Moeller veio, naquele ano, a Blumenau e aqui permaneceu até 1892. Como especializado em micologia, as perguntas a respeito das formigas carregadeiras passaram a interessá-lo vivamente e êle resolveu dedicar uma parte das suas observações e experiências em respondê-las.

Orientado e aconselhado pelo tio, Möller, com efeito, realizou um trabalho minucioso e erudito que foi publicado em 1893 pela editôra de Gustavo Fischer, em Jena, constituindo-se, ao mesmo tempo, no sexto caderno das «Comunicações de Botânica Tropical», editado pelo Sr. Schimper, lente de Botânica da Universidade de Bonn.

Moeller verificou que as carregadeiras mais comuns em Blumenau são a *Atta discigera* Mayr, a *Atta hystrix* e a *Atta coronata*, esta última mais rara. A existência de uma outra espécie de *Atta*, a que denominou *Atta IV* foi constatada por Moeller nas matas de Blumenau. Esta espécie, entretanto, pareceu-lhe bastante rara, vivendo nas matas em pequenos agrupamentos.

A 1º de fevereiro de 1892, em companhia de Erich Gärtner, o Professor Moeller deu início às suas buscas, começando por seguir um carreiro de formigas que se abasteciam de goiabas maduras e de diversas fôlhas de arbustos que cresciam num pasto próximo à então Vila. Pacientemente, êles foram fazendo as suas investigações, anotando todos os detalhes que lhes pareciam úteis. Assim, constataram que uma carregadeira levava nada menos de uma hora e 10 minutos para fazer um trajeto de 26 metros, que tanto distava o local da colheita do orifício principal do ninho subterrâneo.

A carga que a mesma transportava era de duas vêzes o pêso do corpo. E, assim, foram prosseguindo nas observações, que anotavam, a respeito do comportamento das formigas, dos órgãos que lhes serviam de ferramenta de trabalho, da maneira como era feito o corte das fôlhas, a forma dos respectivos pedaços, destacados por cada formiga em quatro a cinco minutos, a maneira como era transportada a carga, a forma como eram superados os percalços encontrados no caminho, quer pelo pêso, quer pela forma da mesma carga, etc.

Na relação entre o pêso da carga e o pêso das formigas, as observações foram interessantes e pacientemente levadas a têrmo. Por exemplo: foram pesados 13 pedacinhos de fôlhas e as 13 formigas que os carregavam. As fôlhas pesavam 74 mg. e as carregadeiras apenas 39. Outros 15 pedacinhos pesavam apenas 105 mg. e as respectivas carregadeiras 65. Mais: pêso de 39 formigas, 115 mg. e a respectiva carga 245 mg., ou seja 2,15 vêzes mais que o pêso de cada formiga. Os ninhos, então, e os que o autor chama de «jardins de cogumelos», («Pilzgärten») mereceram especial carinho no exame e observações. Verificou-se que os «canteiros» de cogumelos são construídos no piso do ninho e nunca ficam apoiados nas paredes; há sempre cêrca de um centímetro de espaço livre entre os limites dos «canteiros». Nunca os canteiros foram encontrados descobertos, à luz do dia.

Na «massa» de cogumelos, geralmente, distinguem-se dois coloridos, um mais amarelado e outro azulado escuro. Essa massa varia de tamanho, conforme a população do formigueiro, a sua idade, localização etc. Forma-o um amontoado de substância mole, fortemente porosa, atravessada por inúmeros canais que vão de uma câmara às outras e pelas quais se movimentam uma multidão de formigas, pertencentes ao grupo das operárias, que não tomam parte no corte e transporte das fôlhas. Por entre elas se vê muitas larvas e ninfas de formigas, não amontoadas, mas semeadas por vários pontos. Pelo exame dessa massa constata-se que a mesma é formada de fôlhas reduzidas a partículas muito pequenas, que a murchidão tornou de colorido marron e que estão recobertas e ligeiramente ligadas entre si por minúsculos cogumelos esbranquiçados e que se desenvolvem e se espalham em tôdas as direções. Quando uma dessas verdadeiras «hortas» de cogumelos é desmanchada e espalhada fora do ninho, as formigas se apressam em ajuntar cada fragmento, carregando-o, apressadamente, para lugar seguro ou no antigo ou em nôvo ninho.

Moeller, como outros já anteriormente o haviam feito, constatou que as carregadeiras não comem, absolutamente, as fôlhas e outros materiais que amontoam nos ninhos. Transformam-nos em uma espécie de pasta sobre a qual começam a proliferar os cogumelos em temperatura e ar controlados pelos inúmeros canais que atravessam a «horta» em tôdas as direções.

Mas não são apenas fôlhas o material próprio para o cultivo de cogumelos. Frutos e flôres que as formigas sabem apropriados, também são amontoadas nos ninhos e transformados em pasta.

Uma observação interessante que pôde ser feita foi a que, apesar da enorme quantidade de fôlhas que as formigas estavam carregando, ao ser o ninho aberto, apenas muito poucas foram encontradas. Só as que ainda estavam à entrada do ninho e uma ou outra próxima ao «jardim de cogumelos» é que ainda podiam ser observadas. As demais já haviam sido transformadas no «caldo de cultura» para os cogumelos. Êstes têm uma constituição complicada e cuja descrição não cabe neste ligeiro relato.

Para demonstrar que as formigas se alimentam exclusivamente dos cogumelos que cultivam, Möller fez várias experiências num recipiente de vidro. Pôde, assim, verificar o comportamento dos insetos. Mesmo quando já meio mortas de fome, jamais elas procuraram alimentar-se com as fôlhas de suas plantas prediletas. Mas, desde que eram postas diante de alguma quantidade de cogumelos tirados de algum ninho, comiam-na imediatamente.

Conseguiu também o professor Moeller acompanhar a formação de um «jardim de cogumelos» por formigas que êle colocara num prato, juntamente com pequena quantidade de cogumelos tirada do ninho. A uma determinada distância desse prato foi feito um cinturão formado por agua em que se deitara um pouco de petroleo, de sorte que as formigas não podiam ultrapassá-lo. Assim, e a vista do pesquisador, as formigas passaram a carregar para o ninho as fôlhas de roseira postas ao seu alcance e, com elas, em 24 horas, aumentaram consideravelmente o «jardim de cogumelos» partindo da pequena porção que havia no prato.

Enfim, muito interessante o livro que o Dr. Moeller escreveu em Blumenau e com o qual proporcionou à nossa cidade mais uma oportunidade de ser útil à ciência.

A obra do cientista alemão, que passou entre nós quase dois anos, em constantes observações e estudos, é muito erudita e sumamente preciosa.

SANTA CECÍLIA

Como se sabe, no planalto catarinense, no atual Município de Santa Cecília, encontram-se descendentes dos mais antigos moradores com nomes alemães.

Isso é consequência de ter um dos primeiros imigrantes estabelecidos em Mafra, por volta de 1820, ter transposto a Serra do Espigão e se estabelecido, com a família, no lugar então chamado Corisco, próximo às cabeceiras do Rio Correntes.

Esse homen foi Adão Götten, que ficou conhecido simplesmente por Adão. Muitos dos seus descendentes perderam o sobrenome Götten adotando como tal o de Adão, Pedro Adão, Manoel Adão etc.

Adão teve grande descendência e muitas de suas filhas casaram-se com outros indivíduos de origem germânica, que seguiram o exemplo do pai, estabelecendo-se pelas margens da Estrada da Mata, que ia de São Paulo à Província de São Pedro Assim, ainda hoje, além de muitos Adãos, há muitos outros nomes alemães entre os verdadeiros "caboclos" da região, como os Rauhen, Hau, Driessen, Granemann etc.

Segundo o engenheiro belga Van Lede, na sua obra "De la colonisation au Brésil", a Província de Santa Catarina contava, em 1810, com 31.344 habitantes, sendo 11.088 homens e 12.507 mulheres brancos, 283 homens e 373 mulheres de côr, livres; 4.533 homens e 2.560 mulheres negras, escravos. A Ilha de Santa Catarina tinha 12.471 habitantes e o continente 18.873.

Arqueologia do Vale do Itajaí

Sítio cerâmico «Rio Plate» (SC. VI - 19)

Por WALTER F. PIAZZA — Professor de História da América da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina e responsável no Estado pelo PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS.

ALROINO B. EBLE — Aluno do Curso de História da mesma faculdade.

I — O AMBIENTE GEOGRÁFICO

Dentro do Vale do Itajaí, onde se localiza o sítio arqueológico ora focalizado, existem terrenos das mais diversas idades geológicas.

As formações ao longo do rio Plate são pertencentes ao «complexo cristalino - algonquiano e arqueano», área conhecida como «zona cristalina atlântica» ou «Brasil Tropical Atlântico» (MONTEIRO, 1963:42-43).

A êste solo corresponde um relêvo bem acidentado, com os rios apresentando corredeiras e quedas, e sôbre o qual atua um clima mesotérmico compreendido entre 16° e 18°C, de média anual, entretanto, com amplitude térmica acentuada, representado, assim, por um clima subtropical úmido sem estação seca, com verão quente, na classificação de KÖPPEN (MONTEIRO: 1963:153).

A ação do clima sôbre o solo equaciona, inicialmente, o problema da vegetação. Estamos, originariamente, diante da mata latifoliada tropical úmida de encosta e, excepcionalmente, em altitudes superiores a 400 e 500 m. surge a mata de arau-cária (ROMARIZ, 1963:172).

Nêste ambiente, «inquestionavelmente, associava-se uma exuberante vida faunística, quer através da piscosidade dos rios, quer no tocante às espécies de caça, além das condições de frutificação na floresta» (PIAZZA, 1967:41) o que facilitava a sobrevivência dos homens pré-históricos.

II — DESCRIÇÃO DO SÍTIO

O sítio cerâmico, ora em estudo, localiza-se na margem

esquerda do Rio Plate, afluente do Rio Itajaí do Norte ou Hercílio. Situa-se nas roças do posseiro de determinada área de terras pertencentes ao Pôsto Indígena «Duque de Caxias». Na nomenclatura arqueológica de Santa Catarina passa a ser conhecido sob a rubrica de SC (Santa Catarina) — VI (Vale do Itajaí) — 19 (décimo nono sítio arqueológico cadastrado no Vale).

Esta área situa-se exatamente na desembocadura do rio Plate, numa região coberta de plantações e vegetação arbustiva. Do local do sítio, que dista uns 600 m, aproximadamente, da casa do posseiro, avista-se a sede do Pôsto, na outra margem do rio Plate.

O sítio abrange uma área de 20x20m, aproximadamente, sôbre terrenos argilo-arenosos, em declive em direção ao rio Plate, do qual dista 700 m.

III — DESCRIÇÃO DA CERÂMICA

Tipo	cacos	bordas	bases	total
Simples	201	14	—	215

Como se poderá notar pelo quadro acima, o material coletado foi abundante, visto o corte ter tido as proporções menores possíveis, ou seja, 1 x 1m.

A cerâmica, fruto da prospecção prévia, pode ser definida tão somente como do tipo simples ou lisa, não polida, sem qualquer outro elemento decorativo. A análise dêste tipo é a seguinte :

1) PASTA :

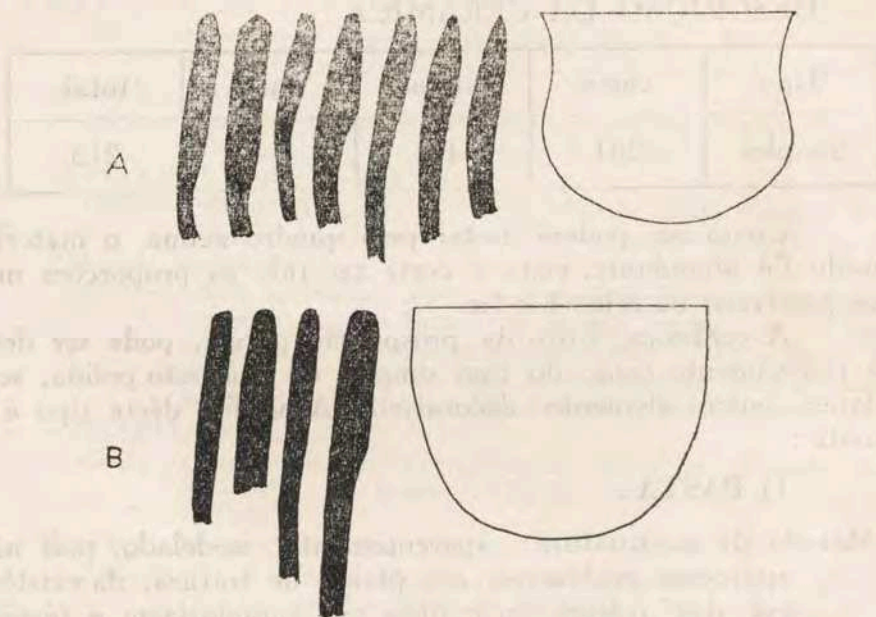
- Método de manufatura: aparentemente modelado, pois não aparecem evidências, nos planos de fratura, da existência dos roletes ou cordéis que caracterizam a técnica do acordelamento.
- Antiplástico: encontram-se em partes iguais, com pequenas variações, areia fina e areia grossa, formando o antiplástico juntamente com partículas de quartzo leitoso e calcita variáveis de 1 a 6 mm.
- Textura: compacta, com algumas bôlhas de ar, porém muito pequenas, o que ocasionou fraturas irregulares.
- Côr: os cacos apresentam predominantemente, a côr cinza-

preta. Nos fragmentos mais espessos, onde a queima não é boa, aparece o alaranjado e o amarelo.

- **Queima:** na maioria dos cacos a queima apresenta-se quase completa, isto é, boa. Nos cacos mais espessos a queima apresenta-se internamente boa, e externamente má. Há também alguns cacos com má oxidação, também, internamente.

2) SUPERFÍCIE:

- **Côr:** internamente há uma variação do cinza escuro ao preto, aparecendo, por vêzes, o marron acizentado. Externamente há variações entre o amarelo e o alaranjado, sendo que, na maioria dos cacos, aparece o cinza-escuro.
- **Tratamento:** os fragmentos cerâmicos arrolados nesta pros-



peção apresentam-se muito bem alisados externa e internamente. Não há polimento; entretanto há uma certa tonalidade de brilho nas áreas mais oxidadas, isto é, onde predomina intensamente a côr preta.

- **Dureza:** de 2 a 3, segundo a escala de Mohs.

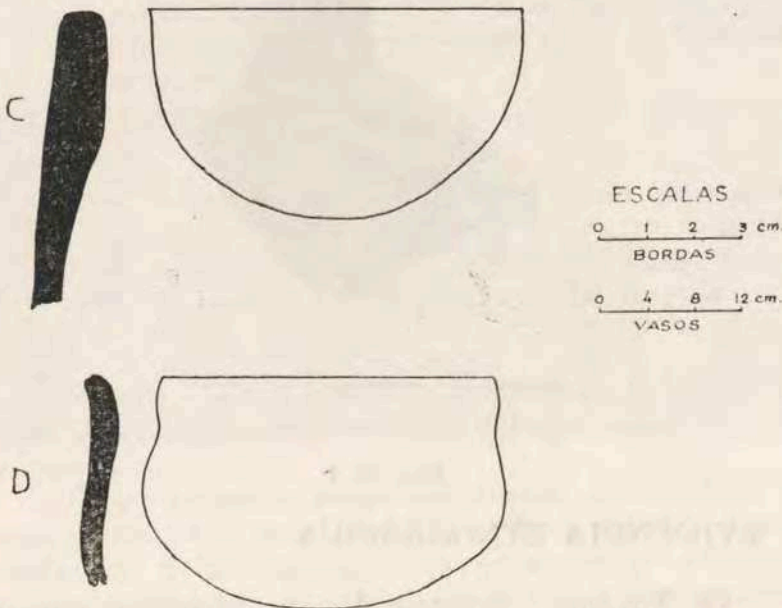
3) **FORMAS:** as formas dos vasos encontradas, em razão das reconstruções efetuadas, numéricamente foram:

forma A = 7
 forma B = 4
 forma C = 1
 forma D = 1

- Lábios: planos=5, apontados=2, redondos=6
- Bordas: extrovertidas (forma A), diretas (forma B), reforçadas externamente (forma C), introvertidas (forma D), assim distribuídas:

B o r d a s				Total
A	B	C	D	13
7	4	1	1	

- Bases: não foi encontrado nenhum fragmento de base, mas pelas reconstruções elas devem ser redondas ou planas.



- Espessura: as espessuras variam de 4 a 8 mm. na maioria; em alguns cacos chegam a 1,5 cm.

A forma A é relativa àquelas bordas extrovertidas, cujos lábios são planos ou apontados e arredondados. Os diâmetros de bôca são: 34, 28(2), 22(2), 20 e 18 cm.

A forma B é relativa àquêles vasos de bordas diretas, lábios ar-

redondados ou planos. Os diâmetros de bôca são: 32, 30(2), e 28 cm.

A *forma C* é relativa aquêlê vaso de borda reforçada externamente, cujo lábio é plano. O diâmetro apresentado é de 34 cm.

A *forma D* é relativa aquêlê vaso com borda introvertida, cujo lábio é redondo e o diâmetro de bôca é de 30 cm.

Entre os cacos encontra-se um objeto de cerâmica, com um apêndice lateral, apresentando-se com um diâmetro de 10 cm. Alcançou, possivelmente, uma profundidade de 4 a 5 cm. Tratar-se-ia de uma concha? (Foto n° 1)

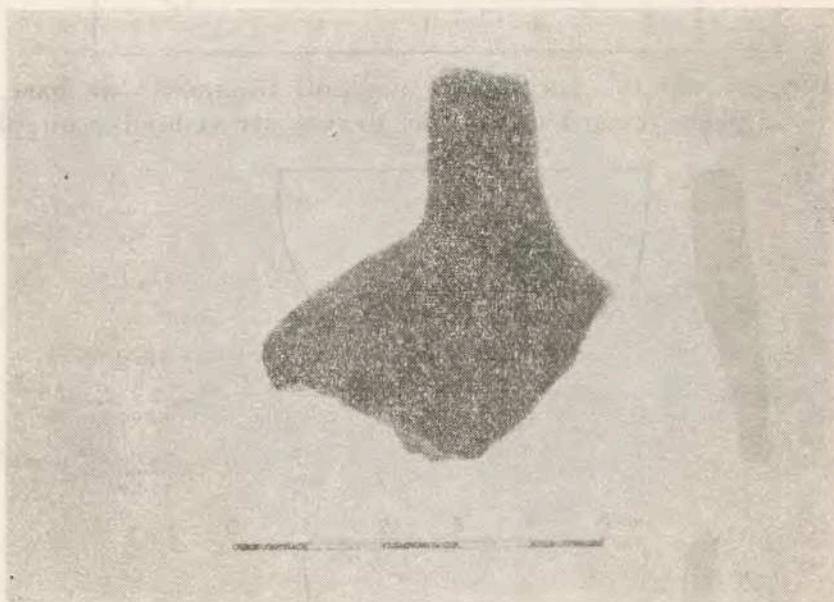


Foto Nr. 1

IV — EVIDÊNCIA ETNOGRÁFICA

Os Xokleng - denominados na literatura especializada e leiga, de «botocudos», «bugres», «aweikoma», «kaingang» e «xocren» - são do grupo jê, hoje reduzidos a 160 indivíduos e aldeados no Pôsto Indígena «Duque de Caxias», às margens do Rio Itajaí do Norte ou Hercílio, no Município de Ibirama, neste Estado de Santa Catarina, pertencem a uma tribo que, desde os primórdios da ocupação pelo povoador branco do litoral dêste Estado, foi «barreira constante para aquêles que desejavam in-

cursoriar pelos vales litorâneos ou pelo planalto". (SANTOS, 1965: 1).

Esta tribo, levada à pacificação, em 1914, por Eduardo Lima e Silva Hoerhan, do Serviço de Proteção aos Índios, na sua cultura tradicional tinha o uso da cerâmica.

Os informes coligidos, em entrevistas com alguns elementos da tribo, hoje ultrapassados dos sessenta anos de idade, obteve-se dados sobre a utilização e confecção da cerâmica em tempos anteriores à pacificação, e, portanto, alheios a um processo de aculturação mais intensivo.

Os estudiosos desta tribo - Jules HENRY (1941), de 1932 a 1934, e Wanda HANKE (1947:45-59), em 1942 - pouco dizem da cerâmica.

O primeiro, (HENRY, 1941:172) na parte do seu livro relativa à cultura material, assim se expressa:

"Before the raids on the settlers made pottery. The only important industry controlled by women was pottery, and when raiding the Brazilians leemed up at a new economic technique women's role in Kaingang economy became insignificant».

Já, no seu estudo, a pesquisadora alemã (HANKE, 1947: 52), consigna:

"Su ajuar domestico se compone de cosas modernas. Entre estas cosas usan aún sus canastos trenzados con o sin camada de cera, sus plates de barro y sus morteres de madera con piedras cilindricas para pisar."

E, mais não disseram . . .

Mas, o que disseram é inquestionável. Estavam abandonando a cerâmica, há mais de vinte e cinco e há mais de trinta anos.

E, no momento mesmo da atração dos Xokleng traziam um equipamento em metal, bem apreciável, segundo depoimento do pacificador, e êsse equipamento, adquirido por achamento ou roubo dos brancos que se assenhoreavam dos seus territórios de caça e de subsistência, eram recipientes de ferro e de outros metais, que, pela sua durabilidade, foram substituindo os utensílios de cerâmica.

Pelo que nos foi dado aferir, a cerâmica Xokleng era de feição bem singela. Esta aferição está relacionada com várias entrevistas com membros da tribo — de preferência homens e mulheres idosos, de mais de 60 anos — e pessoas que tiveram

contato com êsses indígenas no momento da pacificação ou mesmo nos períodos imediatamente anteriores.

Dentro do espírito que norteou tal coleta de informações, pode-se dizer que a cerâmica dos Xokleng foi confeccionada por mulheres, utilizando-se argila preta, de terrenos encharcados ou banhados, à qual adicionavam carvão triturado.

À essa massa de argila e carvão davam, então, com a mão, a forma que achavam conveniente, em geral de recipientes de pequeno tamanho, de caráter estritamente utilitário.

Tal informe se prende aos dados concernentes ao tratamento dado aos seus mortos: ou eram, pura e simplesmente, enterrados, ou, então, cremados. E, nunca, enterrados, primária ou secundariamente, em urnas.

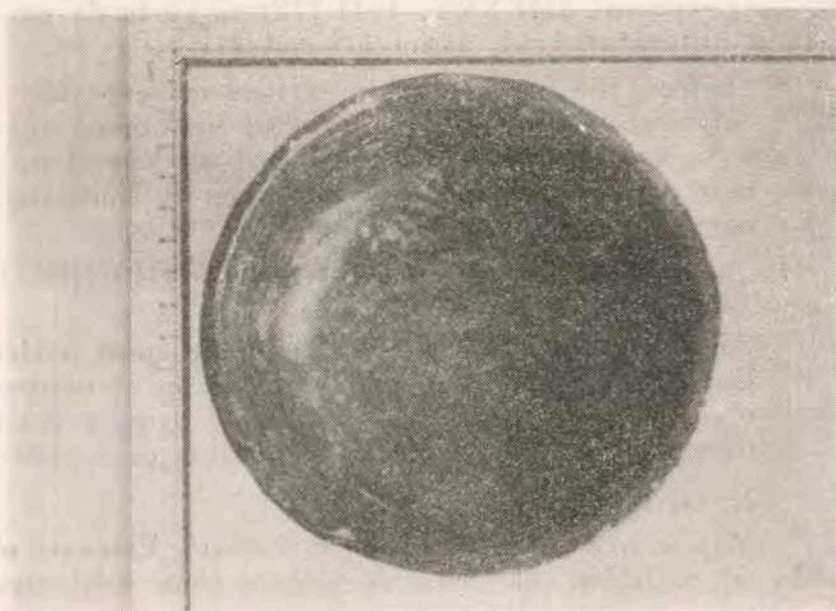


Foto Nº. 2

Aos objetos desta arte oleira, que nos foi dado ver — uma única peça coletamos com 14,5 cm. de diâmetro e uma altura de 6 cm. — ou dêles ouvir descrição, nenhum possuía a altura superior a trinta centímetros. (Foto n. 2)

Dada a conformação desejada ao recipiente, êste era pôsto a secar ao ar livre, e, quando estivesse quase sêco era alisado e polido com seixos, e, só, então, levado ao fogo. Êste fogo era brando.

Tanto na secagem ao ar livre, como no fogo, estabele-

ciam e estabelecem as regras éticas que outras mulheres, ceramistas ou não, não deviam se aproximar do objeto em processo de confecção, que se poderia partir pela proximidade maior de outra pessoa: estamos, pois, diante de uma crença mágica simpática.

Não se obteve dados concludentes sôbre a utilização de processos decorativos, quer gravados, quer pintados, que, entretanto, parecem não ter existido.

E os remanescentes desta arte oleira nos falam de um nomadismo intenso, com uma organização social, já com liames modificados.

Ao lado dessas considerações de ordem geral, três outras de ordem específica, que interessando aos estudos arqueológicos, podem ser referidas:

1 — contatos belicosos, a partir de 1840, no Vale do Itajaí, baixo e médio cursos, entre brancos e indígenas, tornando, a partir daí, mais intenso o nomadismo, o que dificultaria a arte oleira.

2 — tradição venatória fêz dos Xokleng altamente carnívoros, aliada ao nomadismo, sem interêsse, portanto, em cultivar e desenvolver a arte oleira.

3 — desde o momento da pacificação, em 1914, através de pesquisadores e cientistas sociais, bem como de meros colecionadores e amadores, houve uma busca incessante dos seus utensílios, sendo as suas casas vasculhadas e adquiridos todos os objetos que pudessem interessar.

V — CONCLUSÕES

Dadas as condições ecológicas da área em questão, podemos aceitar a facilidade de subsistência naquêle ambiente das populações pré-históricas.

Por outro lado, vale ressaltar que um dos autores desta nota (PIAZZA 1967:43) face às pesquisas no vale do Itajaí, aceitou, preliminarmente, a cerâmica reconhecida e coletada dos Xokleng, como se fôsse fruto de contacto cultural recente, com outro grupo Jê — os Kaingang.

É, essa cerâmica Jê é descrita por BORMIDA (1965: 153) assim: “. . . poseen también una ceramica tosca, sin decoración o con unas pocas ornamentaciones incisas”.

Classifica-se o povo ceramista, objeto desta nota, por esta razão, entre os grupos indígenas da Floresta Tropical (STEWART, 1949: mapa 18) e com cerâmica simples, caracterizada

pelos cacos sem decoração, pela pequena quantidade de tipos de bordas e, conseqüentemente, de poucas formas de recipientes; coloca-se entre aquêles de "cerâmica simples não decorada" (WILLEY, 1949:153),

Sabe-se, também, pelas características desta cerâmica, que estamos diante de um grupo de nomadismo restrito.

Esclarecemos que, para êste tipo cerâmico não se encontrou descrição de similar em território catarinense. Espera-se, pois, que, em futuro não muito remoto se possa dizer algo mais sôbre êsse material.

VI — BIBLIOGRAFIA

- 1 — BORMIDA, Marcelo
1965 — «Los Ge. panorama etnológico», in *Revista del Instituto de Antropologia*, Universidade Nacional de Cordoba, Argentina, tomo II. III' 1961-1964, pp. 136-176.
- 2 — HANKE, Wanda
1947 — «Los indios botocudos de Santa Catarina, Brasil», in *Arquivos do Museu Paraense*, vol. VI, pp. 45-49, Ctiba.
- 3 — HENRY, Jules
1941 — «*Jungle People, a Kaingang tribe of the Highlands of Brazil*», J. J. Augustin Publisher, New York, 215 págs.
- 4 — MONTEIRO Carlos Augusto F.
1963 — «Geomorfologia», in «*Geografia do Brasil, Grande Região Sul*», Rio de Janeiro, IBGE, CNG, vol. 4, tomo I, pp. 15-79
- 5 — PIAZZA, Walter F.
1967 — «Nota preliminar sôbre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina», in «*Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas — Resultados Preliminares do Primeiro Ano (1965-1966)*», Museu Paraense Emilio Goeldi, Publicações Avulsas, 6, Belém, Pará, pp. 39-44
- 6 — ROMARIZ, Dora A.
1963 — «Vegetação», in «*Geografia do Brasil — Grande Região Sul*», Rio de Janeiro, IBGE, CNG, Vol. 4, tomo I, pp. 170-191.
- 7 — SANTOS, Sílvio Coelho dos
1965 — «*Os Xokleng, Hoje*», relatório apresentado ao Dpto. de História da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de Santa Catarina, «Blumenau em Cadernos» Blumenau, Santa Catarina.
- 8 — STEWARD, Julian R.
1948 — «*South American Cultures: a Interpretative Summary*», in «*Handbook of South American Indians*», vol. 5, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Buletin n. 143, Washington, pp. 669-772.
- 9 — WILLEY, Gordon R.
1949 — «*Ceramics*», in «*Handbook of South American Indians*», vol. 6, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin n. 143, Washington, pp. 139-204.

Almirante Lucas Alexandre Boiteux

Por circunstâncias que independeram da nossa vontade, deixamos de noticiar, nestas páginas, o falecimento, ocorrido em 16 de dezembro do ano passado, do nosso eminente conterrâneo e amigo, o historiador Lucas Alexandre Boiteux.

Não poderíamos, entretanto, mesmo que tardiamente, deixar de prestar uma homenagem, sincera e profundamente sentida a êsse ilustre homem de letras que foi um dos mais assíduos e brilhantes colaboradores de «Blumenau em Cadernos».

Logo após a fundação dêste periódico, atendendo a um convite que lhe fizemos, Lucas Boiteux nos enviava, mensalmente, a sua sempre brilhante e douta cooperação, honrando e enriquecendo as nossas páginas com trabalhos históricos, honestos e magistras. Foi êle, nas dificuldades que depáramos para assegurar a existência desta publicação, quem nos estimulou, orientando-nos e animando-nos, sendo, para nós, como foi para quantos recorriam ao seu saber e à sua experiência, um mestre e um pai.

Santa Catarina perdeu, com Lucas Boiteux, um dos seus grandes filhos e o seu maior historiador. Autor de várias dezenas de obras, entre as quais os «Apontamentos para a História de Santa Catarina», Lucas Boiteux foi, igualmente, o maior historiador da nossa gloriosa marinha de guerra à qual prestou, assinalados serviços.

Dêle disse, em recente artigo na «Revista Marítima Brasileira», o Comandante Levy Scavarda:

«Nos seus oitenta e cinco anos bem vividos, Lucas Boiteux dedicou à Marinha cerca de sessenta e nove anos de trabalho porfiado, ou seja, desde que ingressou na Escola Naval até o momento da sua morte. Embora inativo das funções militares, jamais deixou de trabalhar pela Marinha com a ferramenta preferida: a caneta para escrever o muito que pesquisava de nossa história naval. Era assim que êle se sentia feliz — produzindo, realizando aquilo que representa na vida o trabalho mais proveitoso: estudar o passado para transmiti-lo ao presente.

Na sua personalidade há múltiplos aspectos, diferentes facetas, cada um exigindo um estudo à parte: o homem, o militar, o chefe de família exemplar e o amigo incondicional. Um complexo cada um de cujos elementos oferece um tema moral da mais elevada formação.

— Homem, era um idealista inspirado no Verbo e na Verdade. Não transigia com a imoralidade e fazia da justiça a sua clava forte. Infundia respeito pelo rigor do seu caráter. Foi um homem à semelhança daqueles que se cultuam pelos valores tradicionais.

— Militar, teve vida limpíssima, carreira sem favores. Jamais pediu para si próprio. Aspirante, oficial, comandante, chefe, enfim, sempre se conduziu com dignidade.

— Chefe de Família — era o ídolo dos seus filhos, quase um deus para êles. Lucas Boiteux tratava-os, entretanto como se fôsem irmãos mais moços.

Foi, em última análise, um apóstolo do sentimento humano: um bom, um justo, um idealista, amante da sua Pátria, e um crente no porvir do grande Brasil, para o qual trabalhou, como dissemos, incessantemente,

porque trabalhou pela sua Marinha, pela sua História, pelo seu progresso o quanto pôde, enquanto as suas forças físicas o permitiram.

Morreu como morrem os bons: tranquilo com sua consciencia que era límpida, cristalina, equilibrada, inatacável e feita do ouro do melhor quilate, porque era humana, no sentido lato do vocábulo, era rigorosa consigo mesma e era fundada numa ética de verdade suprema.

Este foi o grande homem que o Brasil, a Marinha Brasileira, os seus familiares e os seus amigos acabam de perder”.

Fazendo nossas essas palavras, curvamo nos, comovidos, diante do túmulo do grande companheiro de lutas, do estaduano ilustre, do historiador honesto, do amigo leal e prestativo, prestando-lhe a sentida homenagem da nossa saudade e do nosso reconhecimento.

O NOSSO CORREIO

Ainda neste ano, a Agência Postal-Telegráfico desta cidade, deixará o prédio da Alameda Barão do Rio Branco para instalar-se na bela construção da rua Curt Hering, esquina da Padre Jacobs. O prédio onde ela está atualmente instalada e que foi um dos mais belos da cidade, foi construído no terreno da primeira escola pública desta cidade, por Curt Hering. Foi inaugurado exatamente há 40 anos atrás, a 31 de dezembro de 1927, quando os serviços de correios e telegrafos ali começaram a funcionar. Blumenau foi uma das poucas cidades brasileiras em que, antes de 1932, quando se deu a fusão, o telégrafo nacional funcionava juntamente com os correios. Êsses dois serviços eram independentes, com administrações separadas. Aqui em Blumenau, funcionando no mesmo prédio, não tinham êles ligações administrativas. Serviam, entretanto, o público num regime de íntima colaboração.

A NOSSA CAPA

O desenho da capa, que servirá aos doze números do IX Tomo, que com êste se inicia, de “Blumenau em Cadernos”, é de autoria do jovem artista blumenauense Bráulio Schlegel. Reunindo alguns temas urbanos, como o Teatro Carlos Gomes, a Igreja Evangélica, a Estátua do fundador da cidade, a Torre da Matriz, em excelentes bico-de-penas, Schlegel fez um bonito trabalho que honra as suas já apreciadas qualidades de desenhista e a sua sensibilidade artística. “Blumenau em Cadernos” agradece essa notável cooperação.

A Capela da Estrada de Pomeranos foi inaugurada em 23 de julho de 1884 pelo vigário de Blumenau, o Padre José Maria Jacobs. Em Pomeranos haviam se estabelecido muitos dos coloãos italianos vindos em 1875 e nos anos seguintes. Essa estrada é a que vai de Timbó para Pomerode.

FIGURAS DO PASSADO

PAULO GARBE

Nem por ter tido uma existência modesta, quase anônima, Paulo Garbe pode ter esquecida a sua memória. Foi um homem simples, è verdade, mas foi, também, um exemplo de homem cumpridor dos seus deveres para com o Estado, o sociedade e a família. Como chefe de Obras Públicas da Prefeitura Municipal, depois de ter prestado serviços em outras atividades particulares, Paulo Garbe cooperou, de maneira eficiente, no desenvolvimento da Comuna em que se integrara.



Nacido em 8 de fevereiro de 1886, em Zodel, Saxônia, Alemanha, Garbe, depois de completar seus estudos, veio para o Brasil em 1913. Estabeleceu-se em Jaraguá do Sul com uma olaria. Entusiasmado com a terra e as perspectivas favoráveis da sua indústria, voltou, nesse mesmo ano, à sua Pátria e lá adquiriu maquinaria moderna, a vapor para a sua fábrica. Entretanto, a guerra que estalou na Europa, no ano seguinte e em que se envolveram quase tôdas as nações, transformou os seus planos, tanto mais quanto êle, antes de emigrar para o Brasil, fizera parte do exército alemão, como sub-oficial. Dois dos seus irmãos pereceram nessa guerra.

Desmoronados os seus projéto de industrial, Garbe veio para Blumenau. Aqui encontrou também um ambiente de temor e desconfianças, em virtude das naturais contingências que a guerra nos impunha. Não encontrou emprêgo. Como era exímio pianista começou a ministrar aulas dêsse instrumento. Graças a isso, conseguiu manter-se até o final da guerra, em 1918, quando ingressou, como auxiliar na Sociedade Colonizadora Catarinense que procedia à mediação e colonização de terras às margens do rio do Sul. Nas suas constantes idas a Bela Aliança, sede de distrito Blumenauense, depois emancipado com a denominação de Município de Rio do Sul, Paulo Garbe conheceu aquela que se tornou a sua companheira para o resto da sua vida, Paula Mayr, com quem se casou em 1921. Era filha do advogado Max Mayr, muito conhecido e respeitado no Vale do Itajaí, e de d. Ida Reblin.

No ano seguinte, foi contratado por outra Companhia Colonizadora e seguiu, como agrimensor, para Xapecó, onde, em companhia da jóvem espôsa, passou dois anos consecutivos, vivendo uma existência muito primitiva, em zonas quase virgens da civilização e que mal começavam, a ser colonizadas.

Retornando a Bela Aliança, foi nomeado fiscal municipal do distrito. Em 1930, serviu como engenheiro residente na construção da Estrada Joinville-Curitiba.

No ano seguinte, o então prefeito de Blumenau, Antônio Cândido

Figueiredo nomeou Paulo Garbe para o cargo de Intendente do Distrito de Massaranduba, de onde, no mesmo ano, passou para Blumenau como fiscal urbano.

A sua competência e a sua dedicação ao trabalho mereceram-lhe, já no ano seguinte, a sua promoção para a chefia dos serviços técnicos da Seção de Obras Públicas da Prefeitura de Blumenau, cargo em que se conservou até ser aposentado. Depois de alguns anos de justo e merecido repouso, Paulo Garbe faleceu a 28 de setembro de 1943, cerado da dedicação e carinho da esposa e de seus quatro filhos, Hans, Vitor, Curt e Arno.

A memória de Paulo Garbe merece o respeito e o reconhecimento dos blumenauenses pelo muito que êle realizou em prol do engrandecimento da nossa terra. Foi um homem justo e honesto, cujo exemplo deve servir de estímulo a quantos, como êle o fez, cooperam pelo seu trabalho e a sua inteligência no engrandecimento da nossa Pátria.

OS MENONITAS DO RIO KRAEUL

por Walter PIAZZA

No estudo da colonização contemporânea do Estado de Santa Catarina, há necessidade de se fixar todos os contingentes que, de alguma forma, contribuíram para o nosso desenvolvimento econômico-social.

Assim, merece, agora, a nossa atenção, o contingente menonita que se fixou no Rio Kraeul, um dos afluentes do Rio Itajaí ou Hercílio.

Os menonitas, aqui mencionados, denominaram a sua terra de adoção, em solo brasileiro, em homenagem ao local de nascimento de Menno Simonis, reformador religioso holandês, nascido em 1492, na localidade de Witmarsum, Friesland, e que ordenado sacerdote pela Igreja Católica Apostólica Romana, afastou-se, posteriormente dela e ingressou no Anabatismo, na qualidade de pregador, quando passou a percorrer a Holanda, Alemanha e Livônia. Faleceu em Oldesloe, no Holstein, em 19 de janeiro de 1959.

Ao falecer deixara uma florescente pléiade de seguidores, que se toram subdividindo em grupos, mas, sempre, adotando como normas de vida o batismo de adultos, a liberdade de consciência, a separação da Igreja do Estado, a autonomia das Igrejas, e a não resistência armada e a prática da piedade.

Têm, os menonitas, sofrido as perseguições mais variadas, especialmente pela penúltima razão.

As persiguições de que foram vítimas, na primeira metade do século XVI, levaram ponderável parcela da comunidade menonita para a Rússia, sob a égide de Catarina II e, mais tarde, em 1683, emigraram para os Estados Unidos da América do Norte, onde fundaram Germantown, na Pennsylvania.

Sempre perseguidos, principalmente pelo seu pacifismo, tiveram, após 1917, que deixar a Rússia, onde ocupavam a região do Dnieper e desenvolviam uma economia cooperativista, bem como tinham sólida situação econômico-financeira, quer na qualidade de comerciantes, quer na de proprietários de terras.(*)

Face à perseguição que lhes moveram os bochevistas pretenderam

se dirigir ao norte do Canadá, o que, entretanto, devido às restrições imigratórias não puderam concretizar (um dos membros da comunidade possuía doença no órgão da visão).

Entenderam-se, então, com a Companhia Colonizadora Hanseática, com sede em Hamburgo, que lhes ofereceu terras, na sua concessão do Vale do Itajaí, a serem pagas no prazo de sete anos, através de serviços de abertura de estradas.

Foram, então, adquiridos 175 lotes, de aproximadamente 25 hectares cada um, com o valor de dois mil cruzeiros velhos, por lote.

Assim, em 1923, fixaram-se no rio Krauel, 16 famílias, e, em novembro de 1929, saiu da Rússia um primeiro transporte e, em março de 1930, um segundo transporte, totalizando estes 80 famílias.

Ponderável porção desses menonitas — cerca de 20 a 30 famílias — localizou-se em agosto de 1930, em Stolts-Plateau, na Serra do Mirador, região de solos de arenito carbonífero.

Neste lugar fundaram uma escola primária, que, mais tarde, foi incorporada à rede estadual de ensino.

Além do benefício da escola, possuíam pastor pago pela comunidade, a produção agro-pastoril era organizada em forma cooperativista, sendo a cooperativa dirigida por Diretoria eleita quadrienalmente, que era a mesma da comunidade, inicialmente.

A sua atividade agro-pastoril caracterizava-se pelo plantio damandioca, pela produção de leite e pela engorda de suínos.

No contexto das causas que apontam como responsáveis pelo fracasso da colonização, que se mostrava promissora e dava frutos, aduzem a falta de atenção dos poderes públicos para com os problemas da comunidade e a topografia acidentada do vale do rio Krauel, prejudicando as atividades agro-pastoris e não comportando a mecanização da lavoura.

Deve-se, neste ensejo, lembrar que a comunidade mantinha uma organização hospitalar, que era dirigida pelo Conselho da Comunidade, eleito democraticamente, que dirimia todas as questões existentes, procurando evitar que os assuntos comunitários fossem à justiça comum, e ao indivíduo que não obedecesse estas decisões era expulso, sumariamente, da comunidade.

Assim, em 1936, começam a reemigrar. Uns procuram o Rio Grande do Sul, localizando-se na região de Bagé: são os «Krimmer Bruder Gemeinde» — com vida e disciplina mais frouxa — separando-se dos demais e passando, ambos, a obedecerem Conselhos comunitários diferentes. Os outros, em 1952, procuraram o Paraná, fixando-se na região de Palmeiras: estes são do grupo conhecido como «Igreja Menonita».

Hoje, os remanescentes menonitas que se conservam na área do rio Krauel (Nova Esperança) — cerca de três famílias — mantêm a mesma crença, e não acompanharam os demais por terem, particularmente, excelente situação econômica e não quiseram, desta forma, desmantelar a sua estrutura econômica-social.

(*) Os dados, a seguir utilizados, foram obtidos através de entrevistas realizadas sob nossa orientação, pelo sr. Alberto Ax, nosso aluno do Curso de História, da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, com remanescentes da colonização menonita sr. Peter Georg (Catangara, Witmarsum) e Vva. Susanne Hamm (Nova Esperança, Dona Ema).

UM BOM PASTOR

Curt KLEIN

Minha mãe, certa vez, me contou que quando eu era piá de poucos anos de idade, uns vizinhos nossos — a família de Carlos Knoch — receberam uma pobre ortã para criar. Ignoro a sua procedência, assim como o nome da menina. O motivo que levou os nossos vizinhos a adotar a criança, infelizmente, não foi a caridade cristã, nem misericórdia, mas a simples ganância, pois as autoridades haviam concedido um insignificante auxílio pecuniário a quem a criasse.

A vida que a pobre criatura levou naquela casa foi um verdadeiro suplício. Andrajosa, de cabelos despenteados, suja, sub-alimentada, despertava dó em quem a visse. Nenhum carinho recebia, antes muita surra por parte da patroa da casa e de seu desumano marido. A pobre menina, o único desejo que tinha era fugir daquele inferno. E sempre que tentava fazê-lo, o resultado era prisão, por horas e horas, dentro de um quarto escuro. Chegaram mesmo a amarrar a menina numa corda, como se fôsse um animal qualquer.

Quando a menina conseguia dar uma escapada, chegava à nossa casa em estado desolador. E pedia logo à mamãe: "Me dá um pedaço de pão?" E, ao ver mamãe dirigir-se para a dispensa, acrescentava: "Mas, bem grande, sim?". E, mastigando ainda a côdea que lhe era dada, ia dizendo: "E depois dêste pedaço, me dás outro?". E' claro que o coração de minha mãe se amolecia, como cera ao sol, diante de tanto sofrimento.

Ao regressar à casa dos seus algozes, a menina pedia, chorosa: "Não diz nada à titia, que ela me surra tanto!"

E' claro que os vizinhos daquela casa andavam revoltados com o procedimento tão desumano, e não se cansavam de criticar e condenar aquela gente tão sem coração. Mas ninguém queria se incomodar e todos se calavam em presença daqueles carrascos.

Não sei quanto tempo a coitada sofreu. Deram, porém, um dia, queixa ao juiz e êste retirou a menina da guarda daquela gente má.

O Pastor Runte, pároco da Comunidade de Badenfurt, que, ao quanto sei, não tinha herdeiros legítimos, adotou a menina. Em companhia dêle ela cresceu e se desenvolveu, sadia e formosa, como uma rosa a desabrochar. As meninas da vizinhança olhavam a linda garôta, invejando-lhe as grossas e bonitas tranças de cabelo côr do trigo maduro.

Quando o pastor Runte, anos depois, regressou à Alemanha, sua pátria, levou consigo a menina.

O Pastor Runte adotou e criou mais um filho de gente pobre daqui. Ignoro, agora, o nome dêle. Tomou o sobrenome de Runte. Adolescente, empregou-se na marinha mercante brasileira, onde chegou ao posto de capitão de um transatlântico. No tempo do saudoso «Der Urwaldsbote», em 1939, antes da irupção da segunda guerra mundial, fêz-nos um relato dos acontecimentos que vivera no pôrto de Hamburgo, donde passou trabalhos para sair.

**Fábrica de Gazes
Medicinais
CREMER S. A.**

Rua Iguassú n°. 291 e 362
Caixa Postal, 80 - Fone 1332



GAZES E ATADURAS MEDICINAIS
ATADURAS GESSADAS
ALGODÃO HIDRÓFILO
FRALDAS PARA BEBÊS
FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS
ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE

**A PROCEDÊNCIA
GARANTE A
QUALIDADE**



PRODUTOS

DE

BLUMENAU



PERFEIÇÃO SEM IGUAL